

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES NA CITÂNIA DE BRITEIROS. CAMPANHA DE 1949.

CARDOSO, Mário

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Escavações na Citânia de Briteiros. Campanha de 1949. *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 406-414.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavações na Citânia de Briteiros

Relatório da campanha de 1949

Prosseguindo no benemérito auxílio material e na protecção às ruínas arqueológicas da Citânia de Briteiros, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais concedeu, pela respectiva verba do Ministério das Obras Públicas, para a campanha de escavações do corrente ano, a quantia de 19.000 escudos, confiando, como anteriormente, a orientação técnica e científica dos trabalhos à Direcção da Sociedade Martins Sarmento.

O delegado da Sociedade e conservador daquela estação arqueológica, que este Relatório subscreve, deu começo aos trabalhos em 7 de Junho, prolongando-se as escavações durante 50 dias úteis, até ao dia 3 de Agosto, tendo sido empregados, em média, nos diversos serviços — escavação, crivagem das terras, remoção de escombros e obra de pedreiro — 25 trabalhadores diários.

As escavações, restauros e consolidações continuaram em duas das zonas onde, no final da campanha anterior, os trabalhos haviam ficado suspensos. Distribuiu-se deste modo o pessoal em duas únicas brigadas, uma das quais se ocupou da continuação do restauro da muralha derruida, num lanço do circuito exterior (3.^a muralha), a norte da estrada de Briteiros, e a outra da escavação e limpeza da área de habitações a poente da casa do guarda.

Nas sucessivas campanhas arqueológicas realizadas por conta dos Monumentos Nacionais na Citânia de Briteiros, tem merecido uma particular atenção a reconstituição das linhas de fortificações, não só

pela protecção que as muralhas, novamente erguidas até determinada altura, ficam oferecendo às ruínas, impedindo assim a entrada ali de gados no pastoreio e consequentes estragos que vinham causando, mas ainda porque esses circuitos murados definem geralmente o perímetro da povoação. Dizemos—geralmente, porque, nalgumas ruínas semelhantes, os vestígios da parte habitada estendem-se para fora dos muros da defesa. O método aconselhável na ordem dos trabalhos a seguir, durante as escavações arqueológicas nestas ruínas de povoações primitivas do Norte do país, é portanto, e em primeiro lugar, o da exumação dos arruamentos e calçadas e da reconstituição do traçado das linhas defensivas. Feito isto, estamos de posse do contorno geral da povoação e da sua divisão interna em quarteirões, tornando-se então possível proceder a um levantamento topográfico, que nos guia, em seguida, na execução de uma série de escavações metódicas, por zonas numeradas, que vão sucessivamente revelando os diversos bairros intra-muros, localizados nas malhas da rede dos arruamentos que delimitam os núcleos de casas.

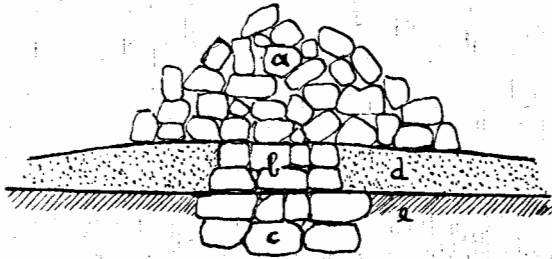
Castros existem, porém, de reduzida área, onde a romanização não penetrou tão fundamente como noutros (Terroso e Sabroso, por exemplo), nos quais as habitações aparecem distribuídas a esmo, sem arruamentos a separá-las, e portanto sem obediência ao dispositivo de acentuada intenção urbanística, que observamos, por exemplo, na Citânia de Briteiros. Nesses povoados mais rudes, sem calçadas a definirem um traçado geral, o método de escavação a seguir é, contudo, sempre o mesmo, sendo útil começar igualmente por definir bem o círculo ou círculos de muralhas envolventes e só depois proceder à exumação dos diversos grupos de habitações, visto quase sempre as casas aparecerem nitidamente reunidas em distintos agrupamentos, talvez correspondentes a pequenos núcleos de habitantes, ligados por parentescos de família. Numa das vias públicas da Citânia, encontram-se, ainda *in loco*, de um e outro lado da rua e fronteiros, dois marcos cilíndricos de pedra, que evidentemente serviam

de baliza a uma divisória urbana. Esses pequenos marcos, de forma toscamente cilíndrica ou ligeiramente cônica, aparecem com frequência, e em quantidade, em quase todos os castros nortenhos.

Algumas pessoas menos familiarizadas com os conhecimentos da Arqueologia, que visitam apressadamente a Citânia de Briteiros, tiram, por vezes, conclusões errôneas acerca da autenticidade do traçado das muralhas reconstituídas, supondo que esse restauro tenha sido falseado e fantasiosamente executado, de harmonia com meras hipóteses ou ideias pessoais (1). Tão incorrecta conclusão provém de desconhecerem o rigoroso e escrupuloso método que temos empregado no levantamento parcial dos muros derruídos. A Est. I, que acompanha este Relatório, é suficientemente elucidativa, mostrando as duas fases distintas a que os trabalhos de reconstrução obedecem: na primeira, todos os materiais desmornados são afastados lateralmente, e a parte intacta da base da muralha, geralmente soterrada pelas aluviões, é posta a descoberto; na segunda fase, esses restos da muralha são acrescidos *unicamente* dos materiais que já lhe pertenciam, respeitando-se, na construção desse acrescento, a forma e processo do aparelho da parte intacta, que serve portanto de modelo aos operários.

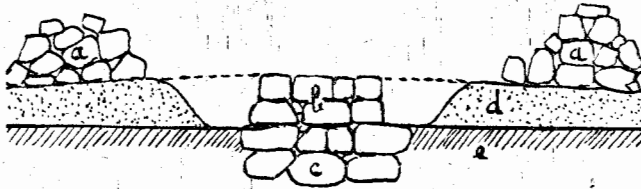
Para estas dúvidas suscitadas, aliás sem fundamento, terá por certo contribuído o facto de, nas reconstituições, se não ter demarcado a parte primitiva do aparelho por uma linha bem definida que a separasse da parte reconstituída. Sarmento teve esse cuidado, ao reconstruir as duas casas redondas que se encontram completas no alto do monte, pois mandou separar com um traço a tinta de óleo, vermelha, ainda hoje visível, embora muito desvanecido, a parte intacta que constitui a base dessas duas cabanas, do resto das paredes mandadas por ele erguer. É uma prática aceitável, tal como se procede nas

(1) Ann Bridge and Susan Lowndes, *The Selective Traveller in Portugal*, Londres 1949, p. 5.



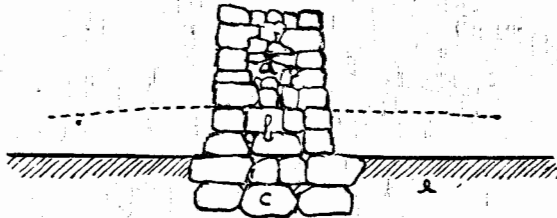
A muralha antes da reconstituição

- a — pedra da muralha desmoronada.
- b — parte da muralha intacta, geralmente soterrada pelos aluviões.
- c — alicerce intacto.
- d — terras de aluvião.
- e — terreno natural.



1.ª fase dos trabalhos de reconstituição

A parte desmoronada é retirada para os lados e a parte intacta posta a descoberto.



2.ª fase dos trabalhos

A muralha é parcialmente reconstituída, com os materiais desmoronados que lhe pertenciam (a), tomando-se rigorosamente por modelo do aparelho a parte intacta (b).

reconstituições cerâmicas, em cujos exemplares convém que fique sempre bem diferenciada dos fragmentos originais a parte nova que completou a peça restaurada.

Todo o emprego de pico ou martelo para fracturar e afeioar as pedras empregadas na reconstrução dos muros tem sido interdito, colocando-se os materiais tal qual se encontram, procurando-se apenas o seu melhor ajustamento, e sempre com a face mais patinada pelo tempo voltada para a parte exterior. As possibilidades de falsear o restauro rigoroso são assim inteiramente nulas, ou, pelo menos, reduzidas ao mínimo.

Também, por vezes, quem desconhece o emprego dos métodos de exploração arqueológica adequados a cada circunstância especial preconiza, nas pesquisas a efectuar nestes castros, a prática de escavações por níveis distintos, e a realização de cortes no terreno em que as camadas estratificadas sejam postas em evidência, e uma possível sobreposição de culturas descoberta (1). Ora isto, que em teoria é admissível, nem sempre é praticável, sob pena de destruímos por completo todos os vestígios que se encontram nas camadas superiores do terreno, nomeadamente os restos de habitações. Além de a Cultura Norte dos castros da Idade do Ferro ser o mais homogênea que se possa imaginar, raras vezes aparecem, num corte de terreno praticado em qualquer zona de um destes povoados, níveis arqueológicos diversos. Os ilustres Arqueólogos galegos Florentino Cuevillas e Joaquín Lorenzo aplicaram esse método nas suas explorações do Castro de Cameixa, parecendo contudo que os resultados colhidos não foram de excepcional transcendência, sob o ponto de vista de nos esclarecerem, mais do que até hoje se conhecia, acerca da evolução e cronologia da Cultura castreja (2).

(1) Ann Bridge and Susan Lowndes, *The Selective Traveller in Portugal*, Londres 1949, p. 4.

(2) Florentino L. Cuevillas e Joaquín Lorenzo Fernandez, «Notas arqueológicas do Castro de Cameixa», in *Revista de Guimarães*, Vol. LVIII, 1948, p. 305

De entre as casas de planta circular postas a descoberto na Citânia, nesta última Campanha de escavações, nenhuma apresenta a curiosa curvatura de paredes para o lado interior, que Martins Sarmiento considerava devida à pressão exterior das terras (1). De facto, como já salientamos num pequeno estudo que há tempos publicamos (2), é essa a causa, quando uma parte apenas das paredes apresenta tal deformação, especialmente nas casas soterradas nas encostas, onde o volume das terras actuando do lado superior do monte é muito maior que o do lado oposto, e consequentemente a pressão que elas exercem daquele lado na parede é também muito mais forte. Isto é intuitivo e não oferece matéria para discussão, visto ser confirmado por exemplos palpáveis, que estão à vista na Citânia. Mas, quando a curvatura se revela em toda a superfície cilíndrica da parede da casa, então já não pode explicar-se pela pressão exterior e desigual das terras de aluvião que a soterraram, tratando-se sim de um processo de construção que foi propositadamente executado. Ignora-se, porém, com que finalidade foi dada às paredes essa inclinação de fora para dentro. É um interessante problema a resolver, como aquele outro das casas que, em todo o seu perímetro, não revelam vestígios da porta de entrada. Mas nunca admitindo, no caso das paredes encurvadas, que elas fechassem em abóbada de pedra, porque uma suposição dessa natureza é inteiramente absurda, e só poderia aceitá-la quem desconhecesse por completo o processo elementar de construção das casas castrejas, impossíveis de resistirem aos esforços de pressão divergente lateral exercidos sobre as suas paredes por uma cúpula de pedra. Ainda há pouco o insigne Professor de Arqueologia da Universidade de Londres, Dr. Gordon Childe, em visita às rui-

(1) Martins Sarmiento, «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães», in *Revista de Guimarães*, Vol. XXII, 1905, p. 9.

(2) Mário Cardozo, «Arquitectura Citaniense. O problema das casas com tecto de abóbada», in *Rev. Minia, Braga*, Vol. I, 1944, p. 243.

nas da Citânia de Briteiros, discordou inteiramente de tal hipótese. As supostas aduelas de arcos de pedra que alguns pretendem ver em certas pedras encontradas junto das habitações não passam de materiais trabalhados para o seu afeiçoamento às paredes cilíndricas das casas de planta circular.

Esses restos de materiais, quando não têm aplicação imediata nos restauros, são removidos para tão longe quanto possível do local. A arrumação dos destroços sem valor arqueológico constitui sempre um motivo de preocupação para os exploradores das ruínas, pois, ou se transportam para distância, e essa arrumação fica muito dispendiosa, ou se reúnem em aglomerados no meio das ruínas, e apresentam, nesse caso, um aspecto bastante desagradável, além de prejudicarem futuras excavações no lugar que tais escombros ficam ocupando.

Na consolidação das paredes das casas postas a descoberto não têm sido empregadas quaisquer argamassas diferentes do simples barro ou terra amassada, tal qual aparece na parte intacta dos muros. Este processo não significa que seja condenável ou para desprezar o emprego de um cimento de maior presa, na espessura das paredes, ligando os dois paramentos que as constituem, havendo todavia o cuidado de, no topo superior da construção e nas suas faces interior e exterior, essa argamassa de reforço ficar completamente oculta. Esta forma de consolidação das paredes é aconselhável especialmente nas estações arqueológicas que não dispõem de um guarda permanente, para evitar os estragos com frequência causados pelo vulgo ignorante, o que felizmente já não acontece na Citânia de Briteiros, onde, a expensas da Sociedade Martins Sarmento auxiliada pela Câmara Municipal de Guimarães, se mantém um guarda privativo das ruínas.

A área escavada e consolidada na Citânia, na recente Campanha de 1949, foi de 1700 metros quadrados, e a extensão de muralha restaurada foi de 110 metros, com uma largura média de 1^m,80, ficando quase fechado, do lado oeste, todo o circuito exterior. Pena é que, em futuros trabalhos, se não possa

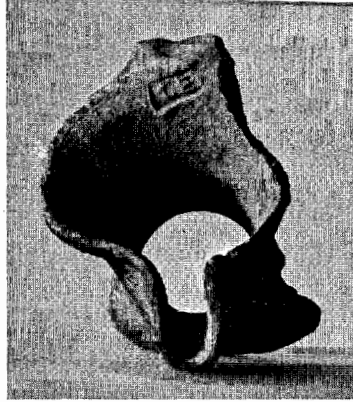


Fig. 1— Boca de vasilha com a marca [CE]

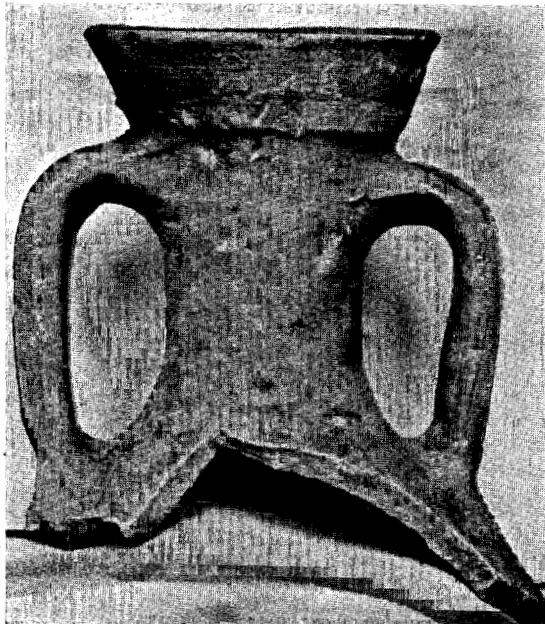


Fig. 2— Parte superior de uma ânfora vinária

Est. III



*Fig. 3 – Fragmento de «terra sigillata», com a
marca do oleiro CRESTVS ou CRESTIO*



*Fig. 4 – Pedra de um anel (quartzo
amarelo ?) com um cavalo gravado.*

(Tripló do tamanho)

prosseguir na reconstrução desta muralha pelo lado sul, pois os restos dela, nesse quadrante muito visíveis, encontram-se dentro de uma tapada pertencente à Quinta do Paço, de Briteiros; a não ser que esses terrenos de mato pudessem ser adquiridos por expropriação.

Os objectos recolhidos, tanto na escavação como durante a cuidadosa crivagem das terras, foram os seguintes:

Cerâmica

— Diversos fragmentos ornamentados, entre os quais um bordo de vasilha marcado com três grupos de círculos concêntricos, em disposição triangular. Tema já conhecido em fragmentos recolhidos nas escavações de Martins Sarmento.

— Um peso de barro, de tear.

— Uma boca trilobada de vasilha, marcada com as iniciais [CE], feitas com matriz (*Fig. 1*).

— Três cossoiros ou fusáiolas.

— A parte superior, intacta, de uma ânfora viária (*Fig. 2*).

— O fundo de um prato de «terra sigillata», contendo a marca do oleiro ruteno CRESTVS ou CRESTIO (1), bastante frequente em Portugal (*Fig. 3*). Já durante as escavações de Martins Sarmento apareceram na Citânia marcas do mesmo oleiro, que foram incluídas e citadas na obra clássica de Felix Oswald, *Index of potters' stamps on «terra sigillata»* (Londres 1931, p. 378).

Metal

— Três aros de fivelas redondas, desprovidas já do fusilhão.

— Alguns estiletos ou alfinetes do toucado feminino (*acus comatoriae*).

(1) F. Oswald & Pryce, *An Introduction to the study of «Terra sigillata»*, Londres 1920, ps. 52, 73, 80, etc.

— Seis moedas de bronze e uma de prata, sendo: um médio-bronze ibérico, de cunhagem latina, de Turiaso, e dois sem nome de localidade; dois médios-bronzes imperiais, de Cláudio; e um denário imperial de Octávio.

— Diversos fragmentos indeterminados, de bronze.

Vária

— Uma interessante peça de glíptica, constando de uma pequena pedra de anel, com um cavallinho gravado (*Fig. 4*). Parece ser de uma variedade amarela de quartzo, o chamado quartzo citrino ou falso topázio.

— Diversos fragmentos de vasos de vidro.

— Bolota carbonizada.

Todos estes objectos deram entrada na Secção de Proto-história do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento.

MÁRIO CARDOZO